

## VARIAÇÃO ENTRE *TU* E *VOCÊ* NA CONVERSAÇÃO DE NATAL: UM CASO DE ESPECIALIZAÇÃO POR ESPECIFICAÇÃO?

Profa. Ma. Francielly Coelho da Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
[franciellycdsp@gmail.com](mailto:franciellycdsp@gmail.com)

Profa. Dra. Maria Alice Tavares (Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
[aliceflp@hotmail.com](mailto:aliceflp@hotmail.com)

**Resumo:** Neste artigo, tomamos como enfoque teórico-metodológico o Sociofuncionalismo, uma interface entre os pressupostos da Sociolinguística Variacionista Laboviana e do Funcionalismo Linguístico Norte-americano (TAVARES, 2003; 2013; GÖRSKI; TAVARES, 2013). Esse casamento teórico é possível, uma vez que, embora existam divergências entre eles, há também pontos de convergências. Nosso *corpus* tem como base o *Banco Conversacional de Natal* (CUNHA, 2010), única amostra de conversações espontâneas disponível, até o momento, no Rio Grande do Norte. Embora o *Banco* seja composto por vinte conversações gravadas, para nossa pesquisa, selecionamos apenas doze, considerando as que apresentavam maior número de ocorrências dos pronomes *TU* e *VOCÊ* na função de sujeito. Nosso objetivo principal, neste artigo, é apresentar os resultados do mapeamento das tendências de especialização (HOPPER, 1991) dos pronomes supracitados na amostra anteriormente citada. Os resultados a que chegamos nos direcionam para o seguinte entendimento: em Natal, há nichos de especializações preferenciais para o uso do *TU*. O que aponta para: (i) o *TU* predomina na conversação envolvendo indivíduos em relação de amizade e no ambiente de conversação caracteristicamente informal; (ii) o *VOCÊ* predomina nas demais relações entre interlocutores observadas no *corpus* e no ambiente de conversação mais formal. Considerando os cinco princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991), um deles merece destaque neste trabalho: o da especialização. Este diz respeito ao período em que, avançando-se o processo de gramaticalização, ocorre a redução do número de formas a serem empregadas para a expressão de determinada função gramatical. Havendo mais de uma forma para uma mesma função, uma delas sendo dominante, pode ocorrer a especialização. Assim, uma das formas adquire um significado mais geral, e, possivelmente, elimina as outras que com ela competem. Desse ponto de vista, a especialização diminuiria ou extinguiria a competição. É o que Hopper (1991) denomina de especialização por generalização. Já Tavares (2003) aponta que, para além desse tipo de especialização, há a possibilidade de haver a especialização por especificação: as formas de um mesmo domínio funcional, ao adquirirem significados mais específicos e/ou passarem a ser empregadas em contextos semântico-pragmáticos e/ou morfossintáticos específicos, eliminariam a

competição. Não porque seriam excluídas ou generalizadas para todas as funções de determinado domínio, mas porque cada uma seria utilizada em determinadas funções e/ ou contextos particulares pertinentes a certo domínio. Diante de nossos resultados, podemos afirmar que a variação entre os pronomes sujeito *TU* e *VOCÊ* na conversação de Natal parece se caracterizar como um caso de especialização por especificação conforme aponta TAVARES (2003).

**Palavras-chave:** Sociofuncionalismo; Princípio de especialização; Fala de Natal/RN; Conversação espontânea; Variação *TU* e *Você*.

## 1. Introdução

Neste artigo, apresentamos alguns resultados de nossa pesquisa de mestrado, realizada sob a orientação da Profa. Dra. Maria Alice Tavares, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A base teórico-metodológica de nosso trabalho teve como enfoque o Sociofuncionalismo. Eis o fenômeno analisado: a variação entre os pronomes sujeitos de segunda pessoa do singular *tu* e *você* na conversação de Natal. O *corpus* foi formado a partir do *Banco Conversacional de Natal*, organizado pela Profa. Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha.

Era preciso analisar: se há especializações de uso – linguísticas e extralinguísticas – dos pronomes citados e, havendo, se há possibilidade de apontar motivações que possam estar subjacentes a essas especializações.

Desse modo, poderíamos analisar o mapeamento das possíveis tendências linguísticas e extralinguísticas de especialização de uso dos pronomes sujeitos *tu* e *você* na conversação em Natal, avaliando o papel do princípio da persistência como um possível elemento motivador das tendências de especialização de uso desses pronomes.

No Sociofuncionalismo, os fenômenos são analisados a partir de pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista Laboviana e do Funcionalismo Linguístico Norte-americano.

Existam divergências entre esses pressupostos. No entanto, é possível, a partir de convergências, como defende Tavares (2003), analisar diversos fenômenos linguísticos. Por exemplo, conforme a autora supracitada, o foco de análise a partir da gramaticalização é feito tanto por sociolinguistas quanto por funcionalistas. Outro fator convergente é o modo como se entende a gramática: constituída por um conjunto de diferentes domínios funcionais. Cada um abrange

determinado número de formas que possuem funções gramaticais similares ou idênticas. Dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Camadas antigas podem coexistir ou interagir com outras novas (cf. HOPPER, 1991). Essa coexistência de formas em um mesmo domínio funcional pode ser, similarmente, com o fenômeno de variação em que diferentes formas variantes competem por determinada função gramatical.

Tanto para sociolinguistas como para funcionalistas, a língua em uso é prioridade; o fenômeno da mudança linguística, contínuo e gradual, recebe lugar de destaque; a frequência é fundamental no estabelecimento e na manutenção da gramática (a difusão linguística e social da mudança pode ser captada se investigando o aumento da frequência de uso em diferentes contextos) (cf. TAVARES, 2003).

Labov (2008[1972]) defende que há tendência de as regras variáveis se tornarem categóricas, podendo se generalizar para um maior número de contextos. Heine (1994) aponta para a possibilidade de, em uma situação na qual uma função gramatical é expressa por duas ou mais formas, haver tendência de mudança para uma situação em que a função é expressa por apenas uma das formas.

A extinção ou suavização da estratificação de formas gramaticais ocorre, de acordo com o enfoque funcionalista, pela especialização de duas maneiras: (i) uma das camadas sofre generalização, se sobrepõe às outras, assumindo totalmente ou, em grande parte, os contextos de emprego do conjunto de formas que competem, acarretando assim a diminuição de uso ou mesmo eliminação de suas concorrentes (cf. HOPPER, 1991); (ii) uma das camadas adquirindo, em algum grau, significado específico diferente dos significados de suas concorrentes e/ou passaria a ocorrer em contextos linguísticos e mesmo sociais distintos (cf. TAVARES, 2003). Qualquer uma das possibilidades acarretaria o fim da competição entre as formas envolvidas.

O enfoque sociolinguista afirma algo semelhante: (i) uma variante se sobrepõe a outra, causando sua eliminação; (ii) as variantes assumem significados diferentes ou são controladas pragmaticamente de modo diverso (cf. OLIVEIRA, 1987).

Como possíveis passos metodológicos de uma abordagem sociofuncionalista, Tavares (2013, p. 38) apresenta: coleta de dados e testagem de grupos de fatores para determinar quais contextos linguísticos, discursivos, estilísticos e socioculturais influenciam na escolha de uma forma em detrimento de outra(s). Desse modo, é possível descobrir os padrões de variação das formas envolvidas. Esses padrões são interpretados como indícios de gramaticalização.

Para análise dos resultados, tomamos como base os seguintes princípios de gramaticalização: a especialização por generalização (proposta por Hopper (1991)) e por especificação (proposta por Tavares (2003)).

## **2. Gramaticalização**

Para Hopper (1987, 1998), a gramática é fluída e mutável. Formas rotinizadas podem sofrer pressões das situações discursivas, passar por remodelagens, originando novas estratégias que podem ser utilizadas no discurso e que também estão sujeitas a novas rotinizações.

A gramaticalização aborda a trajetória da mudança e envolve a regularização gradual em que formas ou construções lexicais, devido às pressões contextuais, adquirem funções gramaticais. Uma vez gramaticalizadas essas formas podem continuar a desenvolver novas funções gramaticais (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

A especialização proposta por Hopper (1991) diz respeito ao período em que, avançando-se o processo de gramaticalização, ocorre a redução do número de formas a serem empregadas para a expressão de determinada função gramatical. Havendo mais de uma forma para uma mesma função, uma delas sendo dominante, pode ocorrer a especialização. Assim, uma das formas adquire um significado mais geral, e, possivelmente, elimina as outras que com ela competem. Desse ponto de vista, a especialização diminuiria ou extinguiria a competição: especialização por generalização.

Quando as formas de um mesmo domínio funcional, ao adquirirem significados mais específicos e/ou passarem a ser empregadas em contextos semântico-pragmáticos e/ou morfossintáticos específicos, eliminariam a competição, dá-se o nome de especialização por especificação (cf. TAVARES, 2003). Essas formas não seriam excluídas ou generalizadas para todas as funções de determinado domínio, e sim, se tornariam específicas “em certas funções e/ ou contextos particulares pertinentes ao domínio” (cf. TAVARES, 2003, p. 73).

## **3. Analisando os dados sob a perspectiva sociofuncionalista**

O *Banco Conversacional de Natal* é composto por vinte conversações gravadas, em sua maioria, na década de 1990. Para a constituição do *corpus*, selecionamos doze em que havia maior número de ocorrências dos pronomes *tu* e *você* na função de sujeito.

Os fatores intra e extralinguísticos analisados foram rodados no GOLDVARB X (cf. SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). De um total de 378 dados, obtive 62 de *tu* (16%) e 316 de *voce* (84%) na função de sujeito como demonstra a tabela abaixo (cf. SILVA, no prelo).

Conversação	TU		VOCE	
	Freq.	%	Freq.	%
1	7	6%	101	94%
4	3	36%	5	64%
6	5	36%	9	64%
7	2	29%	5	71%
8	16	34%	31	66%
9	2	9%	21	91%
10	2	25%	6	75%
11	5	33%	10	67%
12	12	13%	84	87%
14	5	13%	33	87%
19	1	33%	3	67%
20	2	20%	8	80%
<b>TOTAL</b>	<b>62</b>	<b>16%</b>	<b>316</b>	<b>84%</b>

Tabela 1: Distribuição dos dados por conversação

Dos grupos de fatores selecionados apenas três foram listados pelo programa em ordem de significância: a natureza da relação entre os interlocutores, o ambiente da conversação e o tipo de discurso.

O primeiro grupo de fatores se refere ao modo como os interlocutores das conversações averiguadas interagem no tratamento entre si. Nas relações de simetria, há maior intimidade entre os interlocutores o que implica em um estilo mais informal. Já nas relações de assimetria, há menor intimidade entre os interlocutores implicando em um estilo que revela maior formalidade.

As relações de amizade, geralmente de natureza simétrica, íntima e informal, favorecem o uso do *tu* (com frequência de 21% e peso relativo de 0.62) e desfavorecem o do *voce* (com frequência de 79% e peso relativo de 0.38). Já as relações menos íntimas, mais assimétricas, e, em decorrência, mais formais, sob a denominação de outras relações se mostraram favorecedoras do uso do *voce* (com frequência de 88% e peso relativo de 0.63) e desfavorecedoras do *tu* (com frequência de 12% e peso relativo de 0.37) (cf. SILVA, 2015).

RELAÇÃO	TU			VOCE		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Amigos	38/178	21	<b>0.62</b>	140/178	79	<b>0.38</b>
Outras relações	52/171	12	0.37	150/171	88	<b>0.63</b>
<b>TOTAL</b>	<b>62/378</b>	<b>16</b>		<b>316/378</b>	<b>84</b>	
Log likelihood: -155.567			Significância: 0.007			

Tabela 2: Distribuição de TU e VOCE quanto à natureza da relação entre os interlocutores

Sobre o ambiente da conversação, foram considerados ambiente mais informal *versus* ambiente mais formal. Ambientes mais informais favorecem o *tu* (com frequência de 19% e peso relativo de 0.58) e desfavorecem o *você* (com frequência de 81% e peso relativo de 0.44). E ambientes mais formais favorecem o *você* (com frequência de 89% e peso relativo de 0.60) e desfavorecem o *tu* (com frequência de 11% e peso relativo de 0.39) (cf. SILVA, 2015).

AMBIENTE	TU			VOCÊ		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Mais informal	48/248	19	<b>0.58</b>	200/248	81	<b>0.44</b>
Mais formal	14/130	11	0.39	116/130	89	<b>0.60</b>
<b>TOTAL</b>	62/378	16		316/378	84	

*Log likelihood: -155.567*      *Significância: .007*  
Tabela 3: Distribuição de TU e VOCÊ quanto ao ambiente da conversação

Em relação ao tipo de discurso, relatado (quando o falante dá voz a outros indivíduos); não relatado (quando o falante dirige-se diretamente a seu interlocutor ao dizer algo): o *tu* é favorecido no discurso não relatado em contraposição ao *você*. Já no discurso relatado, o *você* é favorecido (com frequência de 89% e peso relativo de 0,68), em contraposição ao *tu*, que foi desfavorecido nesse contexto (com frequência de 11% e peso relativo de 0,31) (cf. SILVA, 2015).

TIPO DE DISCURSO	TU			VOCÊ		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Relatado	11/98	11	0.31	87/98	89	<b>0.68</b>
Não relatado	51/280	18	<b>0.56</b>	229/280	82	0.43
<b>TOTAL</b>	62/378	16		316/378	84	

*Log likelihood: -155.567*      *Significância: 0.007*  
Tabela 4: Distribuição de TU e VOCÊ quanto ao tipo de discurso

#### 4. Considerações finais

A distribuição geral dos pronomes sujeitos de segunda pessoa do singular, em Natal, *tu* e *você*, evidencia ampla predominância de uso de *você* em detrimento de *tu*. Os dados revelam que existem nichos preferenciais para o uso do *tu* (quicá, focos de resistência: os participantes sejam amigos, ambientes informais e o tipo de discurso não relatado).

Parece haver um caso de especialização por especificação: uma forma não vence a outra, apenas cada uma se especializa em dado contexto. Não há uso categórico de nenhum dos pronomes. O que leva a crer que ambas as formas ainda disputam espaço na indicação do sujeito de segunda pessoa nessa comunidade de fala.

## 5. Referências

CUNHA, M. A. F. da. (Org.) *Banco Conversacional de Natal* [recurso eletrônico]. Natal, RN: EDUFERN, 2010.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. V.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

SILVA, Francielly Coelho da. *Variação entre os pronomes TU e VOCÊ na função de sujeito na conversação de Natal (RN): uma abordagem sociofuncionalista*. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Florianópolis. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.